

Reflexões sobre a Liberdade e a Solidariedade

Arthur José Almeida Diniz*

“É preciso construir um mundo para os homens *livres*”.

(Bernanos. Encontros Internacionais de Genebra em 12 de setembro de 1946).

Liberdade e Solidariedade

Estas duas palavras possuem uma tradição de vários milênios. Como, no espaço de poucos minutos tentar historiar, ou pelo menos, dar notícia de sua viagem fantástica?

Já nos ensinava o Mestre da Humanidade contemporânea, J. Krishnamurti: “*A liberdade está no começo e não no fim, e não pode ser encontrada em um ideal distante...Liberdade não significa facilidade de satisfação egoísta ou o abolimento da consideração para com outrem*”. (A educação e o significado da vida).

Liberdade e solidariedade integram a própria idéia do ser humano, descrevem aspecto essencial da idéia de Humanidade. Inseparáveis da condição humana, vêm sendo estudadas, examinadas, descritas, definidas desde a mais remota antiguidade.

Para comemorar o vigésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou uma coletânea de textos provindos das mais diversas épocas e de culturas as mais diferentes para ilustrarem a a universalidade no tempo e no espaço da afirmação e da reivindicação do *direito de ser um homem*.

* Professor Titular de Direito Internacional Público da Faculdade de Direito da UFMG

Curiosamente, a mola mestra deste trabalho significativo repousa no “acaso”. Não se partiu de um plano pré-estabelecido. Foi uma obra coletiva, sob a direção de Jeanne Hersch, onde os diversos membros da UNESCO enviaram, de seus respectivos países, textos mais significativos ligados ao tema em questão. Aproveitamos muito deste belo trabalho para ilustrar a preocupação de ontem e de hoje com a liberdade e a solidariedade.

É um longo caminho. Felizmente, o jesuíta Anthony de Mello, que pesquisou longamente a sabedoria hindu, nos oferece quadros instantâneos sobre a liberdade inicial, nossa liberdade interior:

“**Viseiras:** Se você faz de mim a sua autoridade, causa dano a si mesmo, pois recusa ver as coisas usando os próprios olhos. Assim falou o Mestre a um discípulo que sempre olhava para ele com olhos extasiados.

E, depois de uma pausa, ainda acrescentou:

- E causa dano a mim também *porque se recusa a me ver como sou.*” (MELLO, Anthony. **Sabedoria de um Minuto.** São Paulo: Loyola, 1987, p. 79).

E a conquista da liberdade?

“**Libertação.** - Como é que conseguirei a libertação?

- Descubra quem está amarrando você,

respondeu ele.

Mas o discípulo voltou, alguns dias mais tarde, e assim falou singelamente:

- Ninguém me está prendendo ou amarrando.

- Então por que pede para ser libertado?

E esta resposta coincidiu com um momento de iluminação para aquele discípulo que, então, subitamente viu que estava livre.”(116).

Ou a liberdade que é considerada como “**volta ao lar**” pelos hindus e assim relatada por Anthony de Mello:

- Há estágios no progresso espiritual
de cada um de nós, disse o Mestre:
o carnal, o espiritual e o divino

- Mas o que é o estágio carnal?

perguntaram-lhe logo os discípulos.

-É o estágio em que as árvores são vistas
exatamente como tais e as montanhas também.

- E o espiritual?

Este aprofunda mais as coisas, ao olhar:

as árvores deixam de ser árvores
e as montanhas já não são montanhas.

- E o divino?

- Ah ! ... Este é o estágio da iluminação,

disse o Mestre, dando uma risada:

nele se vêem árvores sendo árvores
e a montanha retorna a ser montanha!

Nas inúmeras histórias extraordinárias contadas por Humberto de Campos, tanto antes quanto depois de sua partida para o Além, há uma que nos retrata a simplicidade da sabedoria de um minuto. Conta-nos Humberto de Campos que o rabi Israel ben Eliezer, renomado pensador judaico do século XVII, ao ser desafiado por um jovem excêntrico que lhe ensinasse a Torá, isto é, a essência da lei judaica enquanto ele se equilibraria em um dos pés, aceitou o desafio e mandou que o jovem se colocasse na posição, dizendo-lhe:

-*Ama*. Pronto, pode descer. Só isso? perguntou o jovem, desapontado. - Só. Aí estão resumidos: toda a Lei e o ensino dos Profetas.

Em Fábulas de Krasicki, polonês do século XVIII, podemos ler:

Pássaros na gaiola. O filhote de tentilhão perguntou ao velho porque este suspirava tanto, dizendo: - mas esta gaiola em que vivemos é tão confortável! Responde o outro: - Você nasceu aqui e assim pode achar que está bem. Ai de mim! Lembro-me da liberdade e tenho que suspirar!

Dante(1265-1321), no Primeiro Canto do Purgatório, exclama:

“Digna-te, pois beni’no ser com ele:

A liberdade anela, que é tão cara:

Sabe-o bem que por ela a vida expele”(na tradução de J.Pedro Xavier Pinheiro.S.P. Edigraf).

Mesmo Machiavel(1469-1527), respeitosamente, anota:

“Nenhuma força a domina, nem o tempo a consome, ne-

nhum lhe iguala em mérito, palavra Liberdade!

A solidariedade, corolário da liberdade, é tema profundo que nos custará algum tempo em estudar.

Vale a pena reler o conhecido trecho do Sermão de John Donne, em 1624, na Inglaterra: “Nenhum homem é uma ilha, um todo completo em si; cada homem é um fragmento do continente, parte do todo; se o mar devorar uma nesga de terra, a Europa estará diminuída, como se as ondas houvessem engolido um promontório, o rancho de teus amigos ou o teu próprio; a morte de cada homem me diminui, porque pertenço ao gênero humano; assim, nunca pergunte por quem os sinos doam; é para você.

Mahatma Gandhi(1869-1948) dizia: “Sempre me pareceu muito misterioso que um homem pudesse se sentir honrado pela humilhação de seus semelhantes”.(39)

Na China do quinto século antes de Cristo, escrevia Mo-Tseu:

Haverá arrombadores e bandidos?

Ao considerar a casa do outro como sua própria casa, quem a violará?

Considerando o corpo de outro homem como o seu próprio, quem atacará este homem? Assim, nem ladrões nem assassinos existirão mais.”(40)

Da África lemos várias lendas sobre a importância da Solidariedade.

Numa delas, uma aldeia assolada pela lepra, ao consultar um adivinho recebe a resposta: “Esta lepra horrível tem uma razão de atacar esta tribo.Outrora, recusaram água a um leproso.

Um velho provérbio etíope: “Se falamos mal de teu amigo, ouça como se falassem mal de ti mesmo”.(54)

A prudência do provérbio sudanês: “Se você criar uma cobra, será em você mesmo que ela aprenderá a picar”.(50).

Da mesma região: “Os homens são como duas mãos sujas. Uma somente se lavará com a outra.”Seria a origem do nosso “uma mão lava a outra”.

O Abade (Abbé)Sieyès, no preâmbulo à Constituição de 20 e 21 de julho de 1789 escreveu:

“Se os homens conseguissem enxergar em si mesmos meios recíprocos de felicidade, poderiam ocupar pacificamente a terra, sua habitação comum, marchando juntos e com segurança rumo ao fim comum.

Este espetáculo se modifica quando se consideram reciprocamente como obstáculo de uns e outros; logo terão a única escolha entre fugir ou combater sem cessar.E a espécie humana se apresentará como um enorme erro da natureza.

A sabedoria azteca do século XV(do que sobrou do massacre ibérico): Começavam a lhes ensinar como deveriam viver, respeitando os outros, consagrando-se ao que era bom e justo. Como deveriam evitar o mal, fugir da injustiça e sua força, evitar a depravação e a cupidez.”(41)

Sem solidariedade, diziam os Aztecas: “se se vive sem princípio humano, torna-se cinza e sujeira.”(42).

Somos esmagados por conceitos, definições e teorias sobre a liberdade. Discursos melieiros de políticos elogiam a solidariedade, fazem juras à liberdade. Na Indonésia, após os terríveis furacões e erupções vulcânicas, o presidente Sukarno, em cinismo pragmático, já pedia que as contribuições em “solidariedade”ao povo indonésio fôssem depositadas em sua conta na Suíça. Modo prático, largamente utilizado nas republiquetas latino-americanas.

Santo Agostinho(354-430)em sua obra sobre **O Livre Arbítrio**(São Paulo:Paulus,1995), cap. 15,§ 32, encontramos reflexões

profundas e definitivas, que nos iluminam até agora:

“Em seguida [escreveu Santo Agostinho], está o bem da liberdade. Sem dúvida, não existe verdadeira liberdade a não ser entre pessoas felizes, as quais seguem a lei eterna. Neste momento, eu refiro-me àquela liberdade dos que se julgam livres por não ter ninguém como senhores seus; ou aquela que é desejada por todos os que aspiram a ser libertados de seus senhores. Consideramos ainda como bens; os pais, os irmãos, o cônjuge, os filhos, os parentes, os próximos, os aliados, os servos e todos os que nos estão unidos por algum laço de convivência. E também a pátria, a qual habitualmente apreciamos como mãe. E ainda, as honras, os louvores e o que chamamos de glória popular. Em último lugar, vem o dinheiro: compreendendo sob essa designação todos os bens dos quais somos os donos legítimos ou de que julgamos ter o poder de vender ou doar...Com efeito, pelo fato de temerem perder os seus bens, elas observam as normas necessárias para a sociedade ser constituída e mantida...

No parágrafo 35^a, podemos ler a consequência lógica dos bens e de nossa liberdade de escolha: “...cada um, ao pecar, afasta-se das coisas divinas e realmente duráveis por se apegar às coisas mutáveis e incertas, ainda que estas se encontrem perfeitamente dispostas, cada uma em sua ordem, e realizem a beleza que lhes corresponde. Arremata o Santo pela boca de seu interlocutor imaginário: “Contudo é próprio de uma alma pervertida e desordenada escravizar-se a elas. A razão é que, por ordem e direito divinos, foi a alma posta à frente das coisas inferiores, para as conduzir conforme o seu beneplácito.” De onde vem praticarmos o mal? - Se não me engano tal como a nossa argumentação mostrou, o mal moral tem sua origem no livre-arbítrio de nossa vontade.” (67-68-69). No cap. 14 podemos ler que a Verdade - [é] fonte de liberdade e segurança: “§ 37. Eis no que consiste a nossa liberdade: estarmos submetidos a essa Verdade. É ela o nosso Deus mesmo, o qual nos liberta da morte, isto é, da condição de pecado. Pois a própria Verdade que se fez homem, conversando com os homens, disse àqueles que nela acreditavam: “Se permanecerdes na minha palavra

sereis, em verdade, meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará(João VIII, 31-32).

Deixemos Santo Agostinho, lendo a seguinte reflexão na mesma obra: “por conseguinte, só quando a razão domina a todos os movimentos da alma, o homem deve se dizer perfeitamente ordenado[isto é, livre] . Porque não se pode falar de ordem justa, sequer simplesmente de ordem, onde as coisas melhores estão subordinadas às menos boas.”(47).

Nietzsche(1844-1900),o ‘zangado’da filosofia, em “Humano Demasiado Humano”, A Fábula da Liberdade Inteligível: Descubrase, então, finalmente, que esse ser não pode, ele próprio, ser responsável do que representa uma consequência absolutamente necessária e formada por elementos e influências de objetos passados e presentes e, portanto, que o homem não deve ser considerado responsável por coisa alguma, nem pelo seu ser, nem pelos seus motivos, nem pelos seus atos, nem pela sua influência. Somos assim levados a reconhecer que a história das apreciações morais é também a história de um erro, do erro da responsabilidade: e isto porque ele se baseia no erro do livre arbítrio.

A tal opunha Schopenhauer o seguinte raciocínio: visto que certos atos arrastam consigo o REMORSO(“consciência da falta”), é necessário que exista responsabilidade: pois o remorso não teria qualquer razão de ser, se não só todas as ações do homem se produzissem necessariamente - como de fato se produzem segundo a opinião desse mesmo filósofo - mas também se o homem fosse, com o mesmo grau de necessidade, precisamente o homem que é - o que Schopenhauer nega. A partir da existência deste remorso, Schopenhauer crê poder provar uma liberdade que o homem deve de algum modo ter tido, não quanto a atos, mas quanto ao ser: liberdade, por conseguinte, de SER desta ou daquela maneira, e não de AGIR desta ou daquela forma. O ESSE, a esfera da liberdade e da responsabilidade tem como consequência, segundo ele, o OPERARI, esfera da estrita causalidade, da necessidade e da irresponsabilidade. O remorso estaria aparentemente relacionado com

o OPERARI - e neste sentido seria errôneo- , mas na realidade com o ESSE, o qual seria o ato de uma vontade livre, a causa fundamental de existência de um indivíduo: o homem tornar-se-ia no que QUISESSE tornar-se, o seu querer seria anterior à sua existência.(frag. 39)

Fragmento 232 - “Conjectura sobre a origem da liberdade do Espírito. Tal como os glaciares aumentam, quando, nas regiões equatoriais, o sol dardeja o seu fogo sobre o mar com mais calor que anteriormente, também uma liberdade de espírito muito forte, ganhando terreno à sua volta, pode ser testemunho de que o calor do sentimento se desenvolveu nalgum lado de modo extraordinário”.

A leitura de trechos de Karl Jaspers, um dos poucos filósofos lúcidos de nosso “breve” século XX torna-se indispensável

(JASPERS,Karl.**introdução ao pensamento filosófico**.São Paulo:Cultrix,1973):

“Quanto a nós, entendemos que o homem de Estado é grande quando se reconhece responsável pela liberdade.

Essa grandeza não consiste no poder cruel de um tigre de alma humana, como César, nem no poder de destruição de um inseto astuto, misteriosamente afinado com as situações de poder como Hitler.Obedecendo a César, uma grande nação teve um último instante de grandeza, fazendo surgir ao mesmo tempo os inimigos que o matariam em nome da liberdade. Hitler nos rebaixou - ao conjunto do povo alemão e a cada um de nós em particular e, particularmente, aos que o seguiram - sem que surgisse alguém que, inspirado pelo ideal de liberdade política, fôsse capaz de destruí-lo.”(68)

“O objetivo da política pode ser resumido em uma frase: com liberdade política, o homem se torna autenticamente ele próprio, livre para ordenar os negócios internos da nação e para afirmar-se face ao exterior...Só a liberdade política pode fazer de nós, homens autênticos.

A violência deve ser abolida pela política, no interesse da dominação do direito e da liberdade pessoal. A esta um só limite se

coloca: poder coexistir com a liberdade dos demais.(69)

Terrível é que a liberdade abrigue, em si mesma, o germe da corrupção.

O mundo da liberdade estará perdido se não aparecerem, a cada geração e por meio da educação de homens livres, os grandes estadistas.”(71). Os políticos são diferentes. Oportunistas, facciosos, forjadores de mentiras e de intrigas. Inescrupulosos, agem, em nome da liberdade, contra a liberdade. Envolvidos, escapam pela via de palavra falsa ou espirituosa. Ofendem, pela maneira de portar-se, o Parlamento a que pertencem e que, sendo-lhes afim, parece não dar-se conta das ofensas e nem lhes ocorre expulsar esses conspurcadores do espírito da política. Com palavras sentimentais, eles representam a comédia da seriedade. São coveiros da liberdade.

Carentes de vocação, esses políticos encaram suas funções como um simples emprêgo, vantajoso sob todos os aspectos, com bom salário, direito a aposentadoria e sem qualquer risco. Não pensam em termos de responsabilidade.

Esse o motivo por que, incapazes de reação a qualquer perigo, submetem-se, como em 1933, a qualquer força que lhes ofereça aparente segurança ou proteção. Nada foi mais humilhante para os políticos alemães e para a nação representada - e também nada foi mais merecido - do que o desprezo que por eles mostraram Hitler e Goebbels em discursos arrasadores.(71)

O mundo livre é, sob esse ângulo, um espetáculo de ambigüidades. Nós, povos livres, estamos ainda longe de ser politicamente livres.(72) Não podemos, por outro lado, afirmar que a História assinale contínuo progresso da liberdade. No mundo ocidental, desde Israel e os gregos, desde a polis e a república romana, desde as comunas e os camponeses livres da Idade Média e nos países modernos, herdeiros dessas tradições, tem havido poderosas erupções de liberdade, que sempre nos surpreendem porque nos lembram ilhas num oceano de servidão, ilhas infinitamente preciosas, mas sempre ameaçadas.

A liberdade política só floriu em círculos restritos. Em países isolados, como a Islândia antiga, ela se tornou realidade grandiosa, embora não houvesse atingido a estatura espiritual que teve na Grécia, na Holanda ou na Inglaterra. Em todas as partes, contudo, a liberdade não tardou a fanar. Na imensa maioria dos povos e dos Estados, a realidade se opõe à liberdade.”(73).

Antes de examinarmos ligeiramente a solidariedade, imaginemos nossa vida atual como uma peregrinação, romagem, romaria através do tempo. Incontáveis multidões! Séculos sem fim! Visualizemos os romanos, suas guerras, seus triunfos. Os mil anos da Idade Média. De todo este filme fantástico, que de modo misterioso está gravado em nossa memória perispiritual, há um fio condutor de toda a História da Humanidade: nossa Liberdade. Todos escolhemos, dentro das possibilidades de cada um, seu modo de viver, de amar, ou mesmo dizer, de morrer. Agora, o momento mais impressionante: Todos podíamos fazer e fizemos o que bem entendemos de nossa liberdade. Mas, aí se insere a Sabedoria Divina inscrita nos milênios sem conta: todos temos que responder por todas as nossas ações. Cada ato individual que reflita o bem ou o mal é registrado. O desenrolar da História, o “mistério da História” é o processo dessa longa marcha, o pagamento do Bem, o ressarcimento do Mal. Cada ser humano, cada um dos quase cinco bilhões de habitantes do planeta possui um arquivo fiel. Cada um de nós responde por todas as ações praticadas. Daí, podemos concluir, a insânia das guerras, das torturas, do roubo, a inutilidade da rapina dos políticos. Todos responderemos por cada pensamento. Todos os atos praticados auxiliam ou prejudicam nossa vida. Santo Thomás, em suas intuições maravilhosas já dizia: *causa prima defectus gratiae est ex nobis* (*Summa*, 1-2, 112, 3 ad 2). E Jacques Maritain comenta: “Na linha do mal, é a criatura a causa primeira”. (*Humanisme intégral*, p. 83.). E termina: “Em seu instante eterno no qual todos os momentos do tempo estão presentes, Deus, para operar e contemplar dum só olhar toda a história humana, espera, por assim dizer, que cada um de nós recuse ou não os dons do influxo soberano donde jorram todos os seres e toda

ação - tudo, salvo o nada que acrescentamos(idemp. 84).

Solidariedade.

O teólogo Camilo Maccise (**Dicionário de Espiritualidade**.Paulus)vê na solidariedade um sinal dos tempos.E rememora o Sindicato dos Trabalhadores Poloneses “Solidariedade”que em 1980 realçou a força dos agrupamentos sociais para conseguir melhores níveis de vida e para assegurar o exercício dos direitos humanos fundamentais. Na tradição cristã, o vocábulo *koinonia*(comunhão, partilha, intimidade)é o que expressa a vivência do Cristianismo primitivo. Podemos ler na Primeira Epístola de São João, I, versículos 3e 4 : “O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo, E isto vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa”. E Camilo Maccise denuncia a injustiça atual como um pecado contra a solidariedade: *“A situação injusta em que vivem milhões de homens de todos os países é contrária ao plano de Deus. Suas condições de vida são infra-humanas, seus direitos praticamente ignorados ou até mesmo pisoteados....Idênticas injustiças se cometem ..nas relações entre os diversos povos e nações. Esta consciência pede à Igreja a denúncia profética. Não se pode calar diante de fatos e estruturas que impedem a participação dos mais fracos na construção da sociedade e no gozo dos bens que Deus criou para todos.(Documento de Puebla).*

Para nos situarmos na corrente do pensamento filosófico contemporâneo, nada mais oportuno do que a leitura da última obra do Prof. Joaquim Carlos Salgado *A Idéia de Justiça em Hegel*(Loyola,1996). Pois, para o autor deste livro precioso, *“pensamento e vontade, pensamento livre e vontade racional é a idéia de liberdade que, em primeiro lugar, se mostra no mundo objetivo do Espírito, abrangente não só do direito estrito ou abstrato da atividade dos juristas, mas de todo o ético da cultura.(467).*

O intelecto e a vontade, dois aspectos de uma mesma realidade, a razão ou pensar, têm assim como seu conteúdo, objeto e fim, a **liberdade**. Essa é o conteúdo da idéia de justiça de Hegel, que como idéia de justiça é forma de vida racional numa sociedade e realiza-se igualitariamente, por meio de uma atividade interna da própria razão”(467).

A idéia de Justiça em Hegel apresenta-se, desse modo, como articulação da idéia de liberdade e igualdade por um processo ativo da razão, ou seja, por meios de uma ação que se pode designar como trabalho(467).

Nos magníficos comentários de Rodolfo Mondolfo sobre Aristóteles(**O Homem na cultura antiga**. Mestre Jous, 1968) vemos que o homem é pai e filho, ao mesmo tempo, de suas ações. Estas, geram seus hábitos espirituais. Aristóteles defende a existência dos fatos futuros contingentes, que é o único a poder salvar a liberdade, isto é, a liberdade e a responsabilidade da ação humana. Na *Ética a Nicômaco* vincula a responsabilidade à liberdade, por achar-se em nosso poder, fazer ou não, por escolha nossa. Evidencia-se que na idéia de amizade ou inimizade do homem consigo próprio, pelo que se torna companhia agradável ou desagradável para si, se acha implícita a concepção de uma espécie de colóquio interior constante de cada um consigo mesmo, o que representa verdadeiro e contínuo exame de consciência. Na inimizade interior do perverso a consciência moral se manifesta como consciência do pecado, inquieta e perturbada pelo remorso, enquanto a satisfação interior - ou amizade consigo mesmo - do bom, é consciência do dever cumprido. Deste modo, os aspectos essenciais da consciência moral, legisladora de si mesma, juiz interior, prêmio e castigo para si própria, mostram-se em plena luz na *Ética aristotélica*.(Mondolfo, 369,passim).

Os participantes deste Encontro Nacional de Defesa do Consumidor devem se considerar como enfrentando uma guerra silenciosa de extermínio, sem o menor apoio da opinião pública, encarados sob suspeita pelos governantes. O livro excelente de Russel Mokhiber, **Crimes**

Corporativos(S.P.Scritta,1995) é um depoimento fantástico sobre esta guerra travada contra os consumidores.Gabriel Zide Neto, em recensão sobre esta obra descreveu os crimes perpetrados por grandes empresas tidas como “acima de qualquer suspeita”como “atos hediondos que não deixam nada a dever ao pior matador de criançinhas nem a nossos piores corruptores. Porquanto os criminosos de rua atacam indivíduos, mas os crimes das empresas matam, mutilam e roubam comunidades inteiras. É o caso das oito mil pessoas que morrem por ano, de câncer provocado pelo amianto. De um milhão de bebês que morreram, só em 1986, por terem sido alimentados por mamadeira em vez do peito. Sem se falar nas vítimas do agente laranja, no Vietnã e do terrível acidente em Bhopal, na India, na indústria da Union Carbide. Vivemos o espectro do risco tecnológico global...aceito cinicamente pelos donos perversos do mercado internacional.Já em 1981 o sociólogo belga François Houtart denunciava a conquista dos países do terceiro mundo pela tecnologia. Poderemos falar de uma segunda conquista, tanto ou mais mortífera quanto a conquista ibérica do século XV. Esta tecnologia que não é produzida nos países onde ela predomina é um assalto à liberdade. Comenta o sociólogo que “isto não seria um mal em si, se esta introdução não estivesse viciada de duas características fundamentais: de um lado, uma consciência invencível de sua própria superioridade e, de outro, seu caráter mercantilista. A primeira implica geralmente uma destruição pura e simples das tecnologias antigas que poderiam ser integradas num progresso mais harmonioso como o fizeram a China e o Vietnã, no domínio da medicina, por exemplo. Mas há um outro aspecto a considerar: a lógica tecno-econômica é também uma forma de ideologia que arrasta consigo toda uma concepção de vida,uma maneira de ocupar o espaço, de conceber as comunicações, de utilizar as matérias-primas disponíveis. Os “missionários”da tecnologia não estão..cosncientes desse aspecto das coisas e põem em marcha mecanismos destruidores dos modos de vida e dos valores culturais, sem processo de transição e sem as devidas adaptações culturais. Mais grave ainda é a característica mercantilista. ..a tecnologia não se transmite no vazio e, à medida que sobe o nível tecnológico, tende a crescer, nas mesmas proporções, a

dependência relativa às suas fontes. Cria-se então um círculo vicioso; um contributo tecnológico passa a exigir outro e assim por diante. Por outro lado, o monopólio das patentes industriais torna o mercado da tecnologia totalmente opaco. É característico notar que..por ocasião da Conferência de Viena das Nações Unidas para a ciência e a Técnica a serviço do Desenvolvimento de 1979, nenhuma concessão foi feita pelos países desenvolvidos nesse domínio. São as empresas transnacionais que mantêm, cada vez mais, o controle tecnológico. A introdução da chamada “tecnologia apropriada” que surgiu de uma excelente intuição, também não escapa de todo a esta situação. ..as técnicas implicam determinadas formas de organização e ao mesmo tempo a criação de novas funções. O Banco Mundial demonstrava, em estudo publica em 1974 que, na Nigéria, para a preparação do óleo de palma era possível aumentar em 50% os lucros dos agricultores e reduzir em 70% os custos do investimento, em comparação com um projeto de desenvolvimento centralizado nos moldes ocidentais.”(HOUTART, F. **Tensões entre Igrejas ricas e pobres**.Petrópolis:Vozes,1981,Revista Concilium,nº 4,p. 13-14)

Já em 1957, advertia Vance Packard(**The hidden persuaders**.Pelican,1971): “...existe uma tentativa de explorar uma área bastante exótica e nova da vida moderna. Trata-se de como muitos de nós estamos sendo influenciados e manipulados - muito mais do que podemos imaginar - nos padrões de nossa vida cotidiana. Esforços em larga escala estão sendo feitos e com sucesso notável, de canalizar nossos hábitos inconscientes, nossas decisões de compra e nosso processo de pensamento pelo uso de expedientes peneirados das ciências sociais e da psicanálise. Estes esforços se caracterizam por ocorrerem abaixo de nosso nível de consciência; assim as motivações que nos conduzem são por assim dizer “ocultas”.(11).

Esta nova ciência da publicidade, ancorada na ganância, começou por alterar o ciclo das estações. Foi feito um estudo ‘psico-sazonal’ e descobriu-se que os comerciantes poderiam vender seguramente artigos da moda de primavera bem no meio de janeiro, porque

nessa época, segundo o estudo, começava a “primavera psicológica”. Esta primavera dura de 13 de janeiro a 6 de junho - quase seis meses. O inverno “psicológico”, por sua vez, inicia-se em 17 de novembro (um mês antes do calendário) e dura menos de dois meses. Já em 1957 os

“persuasóres invisíveis” aperfeiçoaram sua técnica de desencadear uma orgia de compras, quando imagens maternas e paternas eram mostradas. A imagem materna ainda era a melhor para aumentar as vendas. Deu um lucro de 100 milhões de dólares enquanto o Dia dos Pais rendeu apenas 68 milhões. Mas, uma correção foi feita para corrigir o “magro” lucro do dia dos pais. O Comitê Nacional do Dia dos pais proclamou que o Dia dos Pais em 1956 não seria comercial. O Dia dos pais, em 1956, proclamou-se, teria um motivo patriótico: “Liberdade brota do Lar”. Quando a colunista Inez Robb (do New York Times) recebeu um anúncio deste ato de patriotismo, comentou: “quem foi mesmo que disse ser o patriotismo o último refúgio dos canalhas?” (145). Outra área fabulosamente lucrativa é a exploração do Lazer. Rende, não mais milhões, mas dezenas de bilhões de dólares. Alguém já se admirou da quantidade fabulosa de dinheiro que se gasta, quando se está “descansando”!